Ano 2 AVEIRO, 14 de Dezembro de 1923 N. 86

Administração de Serviço «O DEBATE» Rua dos Mercadores, 26—AVEIRO

O Debate

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ NO DISTRITO DE AVEIRO

Assinaturas
Ano ... 10$00
Semestre ... 5$00
Colonias, ano ... 20$00
Brazil e Estrangeiro, ano ... 25$00
Annuncios, linha—$40
Administrador—F. Nascimento Correia

DIRECTOR—EDITOR
José Casimiro da Silva
Propriedade das Comissões Politicas do Partido Republicano Português de Aveiro

Redacção e Administração
Rua dos Mercadores n.º 26—AVEIRO
Annunciam-se as publicações de que nos seja enviado um exemplar
Composto e impresso na Tip. *Progresso* (a electricidade)—AVEIRO

Maria Sarabando AVEIRO

DR. JOAQUIM DE MELO FREITAS

A Direcção de "O Debate„ associa-se á grandiosa homenagem funebre prestada pela cidade de Aveiro a este seu filho ilustre dedicando-lhe este numero

Com o assombro fulminante duma descarga electrica, surpreendeu toda a cidade, ás primeiras horas da noite de 6 do corrente, a noticia inesperada da morte subita deste velho republicano, que com 72 anos ainda incompletos, uma sincope cardiaca, prostrára a *dormir, a sonhar, talvez no mistério do grande problema*, como disse Shakespeare na sua imortal tragédia o Hamlet!

A ninguem seria ousado profetizar semelhaute desenlace!

A tragédia, por mais inverosimil que se afigure, acompanha sempre, num amplexo de ferro, a realidade mais prosaica em que a vida humana possivelmente decorre!

Melo Freitas passára o dia na melhor disposição de espirito. Jantára descuidosa e tranquilamente. Saiu, despreocupadamente, tendo ido comprar cigarrilhas á Tabacaria Salgueiro. Diz-se até que passara alguns instantes de palestra amêna no Cisne da Arcada, em quanto sua esposa visitava a irmã do ilustre finado que se encontrava e ainda se encontra em estado precário de saude. E' vez corrente que o Abreu, ao ter conhecimento de tão súbito desenlace, proferira as seguintes palavras: — *Morreu a alma desta casa. Resta-nos agora fechar as portas.* Regressou a casa, onde foi sentar-se a escrever, não sabemos ainda se algum artigo para a imprensa, se algumas cartas particulares. E, findo este trabalho, levantou-se, subia os poucos degraus da escada que do seu escritorio de dentro conduz á escada que leva ao primeiro andar da sua residencia, quando uma unica pessoa de familia que estava em casa, ouvindo o baque, desceu, e deparou com o corpo de Joaquim de Melo prostrado de costas.

Estava morto!

O panico, o pavor, compreendem-se!

Saiu desvairada a dar conta do sucedido, a pedir socôrro!

Foi chamada a esposa; gente sem numero acorreu; vieram medicos, um dos quais, transportado o corpo já inerte para o leito, lhe aplicou uma injecção de cafeina.

De balde, porém, porque o dr. Melo Freitas tinha sucumbido fulminado por uma sincope cardiaca.

Desta vez a sua morte era terrivelmente verdadeira, e não uma *blague* como a que o seu jornal *A Epoca*, tarjada de luto, publicava em 4 de março de 1886, com a colaboração de Carlos Faria, Marques Gomes, Francisco Vitorino Barbosa de Magalhães, José Reinaldo de Quadros Oudinot, Jaime de Magalhães Lima, Manuel Fernandes Tomás, Jorge de Faria e Melo, Sousa Maia, Amadeu de Faria Magalhães, Carlos da Silva Melo Guimarães e Luiz da Silva Melo Guimarães.

Na noite deste dia 4 de março de 1886, choveu torrencialmente. Os amigos do *então defunto*, ao saberem que tinham sido enganados, pensaram em ir buscá-lo a casa, com um carro e archotes, para o conduzirem ao cemiterio. A inclemencia da chuva é que os impediu de levarem por diante este seu macabro e irónico projecto.

Os jornais do tempo noticiaram o falecimento.

Em casa de pessoas de familia caiu um diluvio de cartões de pezames que principalmente a David da Silva Melo, primo do *defunto*, muito preocuparam pela despesa a fazer com o *agradecimento*.

Mas em 6 do corrente, não se repetiu uma *blague*.

Foi uma dura, uma tragica realidade, como os nossos leitores já sabem.

Quem era Melo Freitas?

Di-lo êle, pelo seu proprio punho, no seu livro *Ironias Transparentes*, onde vem o retrato do autor que, como documentação ás notas da sua biografia que aqui publicaremos, tão completo quanto possivel,—hoje damos á estampa.

Resa assim o retrato que de si proprio traçou Melo Freitas:

«Estou morto e esfalfado deveras por que me tirem o retrato. Ainda não foi possivel encontrar pintor que me satisfaça.

Entretanto para não perdermos tempo, e em quanto o não acho:

—Tenho a subida honra de me apresentar a mim mesmo.

E na verdade é justo que aquele que uma vez aparece a publico com as feições causticas e satirica de tantos, se não desperdiçasse a si proprio como digno talvez que é da eterna galeria.

Hogarth, que viveu á custa da sua originalidade e do pasmoso ridiculo do mundo, desenhou-se num quadro autentico onde imortalizou o seu cão, que tambem vai partilhando do colorido, do brilho, e da verdade de tão mordente e esplendido pincel.

Bocage todos sabem que se trasladou fielmente a escrito dentro dum soneto.

«Num dia em que se achou...» *mais pachorrento* dizem algumas edições.

E desta maneira escudado em precedentes tão honrosos, tratarei de quebrar o silencio dos contemporaneos falando de mim proprio com denodo e ousadia.

Vai em ano e meio que eu dizia o seguinte para meia duzia de leitores, que tantos são o meu ideal neste comercio das letras:

«Peço-lhes que me suponham um rapaz de 21 para 22 anos, praticando tranquilamente com os livros e com os homens, que são livros tambem, nesta transição anfibiológica da classe de estudante para a posição novissima e intratavel de advogado.

«Sem odios nem zangas que não seja a um cão da hospedaria onde habito, que tem o sestro desgraçado de querer a todo o momento entrar no conhecimento pleno do saber particular, que terão as pernas dos hospedes estabelecidas na casa, e que, dizem em voz baixa, se desconfia ter sido mordido de um cão raivoso. Sossegado sempre que não sopre o nordeste, ocasião desesperada em que atira com as contemplações á margem, e em que desenvolve a mais entranhavel e forte das pancadas. Na palavra era torrentoso a ponto de se converter em catarata, ora engasgado nas frases e na pronunciação. E por cima de tudo isto dotado de tal fôrça de logica, que era capaz de fazer secar uma figueira„.

O que então sucedia, ainda hoje sucede, com a unica diferença de terem morrido as minhas antipatias com a morte de tal cão, que, sendo condenado á pena ultima, foi morto a tiro, e ao qual compús o necrológio.

Resta-me acrescentar que as minhas feições e caracter se completam da forma que vai dizer-se:

Rosto comprido da Judeia, traços de Argel, cabelo preto, crespo e disparatado, tez bronzeada, olhos que se curvam e que se cravam, cabeça lève e coração que se não vê.

Pelo lado moral sou um mixto pirotécnico de alta indagação, formado de elementos soberanamente contraditórios, ora equilibrados, ora em temporal.

As minhas convicções teem o quer que seja do vértice das montanhas, ora tristes e cobertas de neves perpetuas como as cordilheiras da Scandinávia, ora altissimas e perdidas como o ultimo viso do Dewalagri, ora sorridentes como as cumeadas da Suiça, enfeitadas de abetos, guarnecidas de ribeiros e tarjadas de nuvens.

Há dentro de mim um amor entranhado á minha terra, e uma propensão eminente para as aventuras! Dou-me uns ares incompreensiveis, sustentando ora uns modos acanhados e modestos, ora desgarrados e cheios de atrevimento, e de presunção. Sou ainda dos homens que se dependuram em teias de aranha, e se embalançam com palavras sonoras, esgrimindo com as armas do ridiculo, as quais se ferem os estranhos, me ferem uma vez por outra a mim proprio. Tenho uns longes do Sobrinho de Rameau, a leviandade de Figaro, e uns leves toques da melancolia e da embriaguez permanente de Edgar Poe.

Quem decorar este compendio, vê o fundo da minha alma, como se descobre o leito arenoso dum rio onde a agua corre transparente e sossegada!

Diz-se que tenho um génio descontente e uma simples veia critica sofrendo de plétora, e que me vou servindo das forças descarnadas da velha sátira, firmando-me nos ares, e voando com asas de cera pelos espaços da imaginação.

E' certo, porém

"Estarei sempre reduzido a escutar? preguntava juvenal abalando o império dos Césares.

Eu que não abalo as colunas dos impérios, e antes pelo contrario dou palha ás colunas dos jornais, serei porventura ou por desgraça obrigado ao papel de frio espectador, sem proferir palavra e sem emitir opinião?!

Para fazerem uma ideia dos meus brilhantes predicados, e da corrente e da obscuridade das minhas palavras passarei a narrar o que me aconteceu haverá uns poucos de anos.

Lavrava uma discussão acirrada e cheia de calor. Falavam três ou quatro a um tempo, e por cima de todos falava eu com veemencia e com fartura de gestos, de voz e de argumentos.

Um lavrador que entrara na loja onde o caso se passou, escutava-me de boca aberta, quer debruçado no balcão, quer dependurado no marmeleiro. Ouviu, ouviu, e tornou a ouvir. Afirmava-se na minha pessoa, avançava as orelhas, apurava a atenção, adiantava-se paulatinamente, e por fim preguntou a alguem mais afastado da pleja:

—Olhe lá, aquele senhor é inglez?—Eu fiquei sinceramente desapontado, corei até as orelhas, e mandei-o á fava em muito bom português.

O homem virou logo de escôta, no auge da parvalheira e da indignação!

Levado pelo genio mau das aventuras, experimentei um velocipede marinho indo desde Aveiro á Costa Nova, e atravessando as aguas da cale, e as aguas dos esteiros. Depois dediquei-me ao velocipede de terra e galguei estradas e praças montado naquele maravilhoso utensilio, que foi aqui explicado desta maneira por um observador timorato: — *E' uma carruagem em que o cavalo vai dentro!*

A's vezes diziam-me que não me ficava bem, e comprometia a gravidade da minha posição.

A primeira parte da advertencia era delicada e tisica, a segunda era porém verdadeira.

Comprometia a *gravidade*, ou antes era ela que me comprometia a mim, obrigando-me a quedas repetidas, e a saltos perigosos e desordenados.

Curei-me todavia desta paixão; curei-me e oxalá que não recaia!

Tenho ainda e desse pecado me acuso, uma qualidade violenta. E' excessivo orgulho. Sou de

uma independencia exótica, e até feroz. Não me é possivel subjugar a vontade com as considerações da conveniencia, do mesmo modo que nunca reduzi o pensamento aos estreitos limites da rima e da cadencia!

Minto. Uma noite destas como não pude dormir sonhei a seguinte estancia, que é no intimo do meu ardor um poema inteiro, e do invés para os profanos uma quadra digna de ser cantada á viola.

—Há no teu amor escolhos
E no teu seio anda o mar
Porém á luz dos teus olhos
Quem me dera naufragar!...—

Depois que compuz aquela estrofe, e a arranquei ao livro da minha vida, e depois que inventei uma celebre, imortal e atrevida pantomima não caibo em mim de altivez e de soberba!

Tal é, dou-lhes a minha palavra de honra, o meu e o vosso

Joaquim de Melo Freitas»

Vai já longo este artigo.

Do que foi a manifestação funebre, preito enternecido e eloquente, noutra parte de *O Debate* verão os nossos leitores relato circunstanciado.

Ele, que tanto amou Aveiro, descreveu este rincão nos seguintes termos:

«Uma calada, que nos transporta como a do crepusculo, cingida de vagos rumores. Tépidas aragens. Esplendida poesia a entreabrir-se! Almas que rumorejam. Sorrisos que nos enleiam. Uns misteriosos hinos. Conceitos que flutuam. Gorgeios que se deixaram esquecer. Ecos soturnos que se vão chorar. Alvoradas deliciosas. Noites de luar que ciciam. Franjas de nuvens que nos beijam. Estrelas que magnetizam. Cristais pelos regatos. E um ceu azul como vagas do Oceano, que oiço daqui rugir.

Tal é a terra do meu berço.

Quem te não tomara de amores, oh minha doce patria!»

* * *

A 2.ª edição das *Ironias Transparentes* saiu em 1876.

Em 1876 publicou um volume intitulado *Violetas*.

Em 1883 um volume de sonetos intitulado *Garatujas*.

Em 1890, *O Nosso Ultimatum*, réplica a Salisbory, tercetos.

No mesmo ano, volume sob o titulo *A Granel*, diabruras, bagatelas, provincianismos e chinesices.

1904, *O Desastre Militar* de 25 de setembro de 1904 em Africa.

A Familia de José Estevam, conferencia no Club Mario Duarte no dia 4 de agosto de 1909.

Em 30 de abril do mesmo ano fez uma conferencia no Teatro Aveirense sobre o centenario de José Estevam.

O Distrito de Aveiro, 20 de dezembro de 1910, Carta ao ex.mo Ministro do Interior Antonio José de Almeida.

Em 6 de fevereiro de 1911, *Feixe de motivos por que na parte nobre do convento do Jesus de Aveiro se deve instalar um museu distrital on municipal.*

Em agosto de 1913, *Digressão vertiginosa á Serra da Estrela.*

O descalabro previsto da actual Conflagração Europeia, resposta ao ilustre publicista Bazilio Teles, 1918.

* * *

O funeral do dr. Joaquim de Melo Freitas realisou-se no domingo, como anunciámos, tendo o feretro saído da Camara Municipal ás 15 horas.

No cortejo funebre tomou parte toda a cidade de Aveiro e no cemiterio falaram os srs. dr. Jaime Dagoberto de Melo Freitas, filho do extinto, governador civil, sr. Julio Cruz, dr. Alberto Souto, dr. Jaime de Magalhães Lima e Acacio Rosa, cujos discursos reproduzimos a seguir:

Jaime Dagoberto de Melo Freitas

Excelentíssimos Senhores, meus Patrícios e meus Amigos!

Não seria esta, de certo, a minha vez. Receio, porem, que mais tarde me falhem as fôrças.

Também não posso confiar na memória, num transe tão aflictivo, e mesmo precisei de prever que a própria voz se me embargue irresistivelmente na garganta e que haja de pedir a um dedicado amigo que leia, por mim, as palavras que devo neste momento a meu querido Pai e que poderão, talvez, ser bem aceites por todos, repassadas, como se encontram, de sinceridade.

Meu Pai!

Aqui, onde a tua voz vibrante inúmeras vezes se levantou, sem faltares jamais ao cumprimento do dever, rendendo as últimas homenagens àqueles que se haviam finado e tinham merecido dêste nosso Aveiro, que tanto amavas, aqui, perante os homens, que me ouvem, e perante Deus, que não sei se me ouve: porque não sei se sou digno disso, aqui aonde se desce em demanda do descanso eterno, venho eu também, humildemente, na minha piedade filial, dizer-te o último adeus, trazer-te, na minha mente, dois derradeiros beijos do João e Mário Júlio, que, cheio de alegria, contavas dentro dos próximos dias ter junto de ti por algum tempo, — por muito tempo, insistias comigo! — mas que o destino talhou que assim não fôsse, e que, pela doença do João, nem sequer foi possivel que viessem agora ver-te..

Esta noute, depois das primeiras horas — bem poucas! — em que, após o conhecimento da fatalidade, meus olhos se cerraram, acordei num sobresalto horrivel. Como que numa arena, dois animais de formas estranhas, que não posso reconstituir, retalhavam-se reciprocamente as carnes, numa fúria insana, em golpes desordenados. O coração arrebatado parecia saltar-me fóra!

Repousei, contudo, um pouco e, cobrando o conhecimento da realidade, pensei logo: nada há que apague a minha dôr! Mas pareceu-me ouvir então ainda a tua voz e dizeres-me: Sinto-me bem!

Vi-te, a ti que eras o símbolo da humildade sã, sob as refulgências do pavilhão magnífico, vermelho e ouro, do nosso Municipio; vi-te cercado de tôda a pompa do local em que te colocaram, sob a vigilância do que há de mais representativo neste nosso, neste teu, sôbre tudo, tão amado Aveiro.

«Sinto-me bem», dizias-me.

Ah! também eu me sinto bem. Tôdas estas manifestações imponentes que teem estado fazendo ao teu carácter, ás tuas virtudes excelsas, caem, como expressão sublime de Justiça, — de Justiça que quiseste que eu aprendesse a administrar, na carreira da Magistratura —, tôdas essas manifestações, repito, caem tão fundo dentro da minha alma que serão o melhor lenitivo para a minha dôr imperecível.

E lembro-me também de que, não há muito de viva voz me dizias no pequeno escritório da nossa casa, donde porém o teu espírito a tão alto ascendia: «A final de contas, convenço-me de que ainda vale a pena ser um homem honrado!»

Por infinita justiça e bondade divinas foi-me permitido que eu, sangue ainda quente do teu sangue, pudesse receber, quem sabe porque influências misteriosas, a mais inequívoca prova da verdade do teu verbo, retemperando neste formidável exemplo tôdas as minhas energias, enraizando no meu coração despedaçado o que me ensinaste.

Se em algumas situações da minha carreira de magistrado tenho carecido e sabido nortear-me, com inabalável firmeza, pelos mais intimos ditames da consciência, a ti o devo sem dúvida, meu querido Pai, que pudeste insuflar-me, com o teu sangue e com o teu exemplo de *sempre*, energias que valem as maiores riquezas do mundo!

Adeus, meu Pai. Depois que meus labios ousaram na tua fronte arrefecida, e que meus dedos crispados sentiram a rigidez do teu cadáver, pensando bem na serenidade da tua fisionomia parece que a morte já não tem para mim o mesmo significado de terror. Mas eu preciso de viver... para esteio duma casa e para conservação dum nome, do nome dos nossos antepassados, nobres pela sua conduta, e que desejaria ver honrado em teus netos melhor ainda do que eu tenho sabido fazê-lo. Perdoa-me as minhas faltas! E, se te é possível, consegue para mim, do Supremo Inspirador e Ordenador de tudo quanto é justo e quanto é belo, as forças fisicas e as forças morais de que careço.

Resignado e contricto, aceito a fatalidade e acompanho, conforme eu posso, as homenagens que te renderam.

Adeus, meu querido, meu bom meu justo Pai! Que o teu espírito paire sobre tudo e todos quantos tiveram a felicidade dos teus carinhos e do teu amor.

Julio Cruz

Que diz:

Meus senhores:

Nesta pensativa hora do cair da tarde, desolada e triste, entre meditações de respeito e saudade, vae recolher á sua ultima morada o corpo inanimado de grande cidadão dr. Joaquim de Melo Freitas.

Em nome do governo da Republica e como seu delegado nesta linda e cavalheiresca cidade de Aveiro, associo-me á grandiosa manifestação de sentimento que acaba de ser prestada á sua memoria e deploro compungidamente a perda do funcionario distinto, zeloso e honesto.

No meu nome, eu venho em homenagem da minha veneração profunda e da minha humilde estima inspirada pela mais intima sinceridade, prestar-lhe tambem, muito comovidamente, o preito de saudade e de reconhecimento pelos breves dias em que ele me concedeu a sua amisade e me orientava com os seus conselhos leaes e cheios de experiencia nas lutas de uma politica esmaranhada feita muitas vezes de disputas mesquinhas e sem grandeza nas suas irredutibilidades.

Carater duma lhaneza de trato cativante e um cavaqueador interessante e culto. Morreu! Desapareceu para sempre á nossa vista, mas nunca se apagará da memoria daqueles que com ele privaram, a afetuosidade do seu coração e sobretudo a cidade de Aveiro, a quem ele consagrou toda a sua vida dando-lhe o valioso concurso da sua inteligencia e da sua dedicação, pondo ao serviço da sua terra natal todas as qualidades primorosas que eram um conjunto de belezas civicas e morais que o tornavam vivamente apreciado.

Os seus conterraneos conservarão dele eternamente a recordação inolvidavel como um dos seus filhos mais ilustres e um cidadão prestimoso.

Descança em paz, morto querido, republicano honrado, patriota insigne!

Dr. Alberto Souto

Se apenas a amizade em mim tivesse de falar, eu não ergueria aqui a minha voz porque não ha eloquencia maior que a do silencio para exprimir a saudade, o sentimento e a dôr que levam ás lagrimas...

Mas ha um dever mais alto clamando na minha consciencia e na representação que tão mal detenho: é o dever de prestar a este morto querido e aveirense ilustre, a homenagem da cidade que ele tanto amou e tanto enobreceu.

E' que o dr. Joaquim de Melo Freitas não foi um homem vulgar e em Aveiro foi um cidadão distinto entre os distintos.

A consagração que se lhe faz era-lhe devida e honra o povo de Aveiro, porque é uma prova do seu civismo, da sua gratidão e da sua espiritualidade; serve de incentivo e exemplo e demonstra virtudes que muitos julgam apagadas nesta epoca torva de materialidade e egoismo.

Joaquim de Melo Freitas bem mereceu esta homenagem. Alma priviligiada e eleita, amou tudo quanto era justo e quanto era belo, mas mais que tudo ele amou esta terra de que foi durante meio seculo um crente, um arauto, um cantor e um paladino.

Nas ideias e nos sentimentos um nefelibata e um romantico, sincero, franco, generoso: liberal á 1820 e 36, democrata á moda de 90, republicano desinteressado, cavalheiresco e modesto como os precursores de 1910; esfusiante de graça, enternecido de dor, revoltado contra a injustiça, belo como um grego antigo quando contemplava a Grandeza e o Genio!

Duma honradez severa, duma bondade enternecedora, dum pundonor medieval, duma educação primorosa, duma distinção galante, duma jovialidade comunicativa, duma tolerancia nobilissima, duma lealdade sem confrontos, Melo Freitas foi entre nós o ultimo abencerragem duma geração que marcou epoca na vida portuguêsa e foi o cavaleiro andante do bom nome e da galhardia desta terra—paixão e sonho de toda a sua vida, dama eterna por quem ele quebrou lanças nos torneios, para quem teceu grinaldas nos seus escritos, para quem conquistou louros imarcesciveis na tribuna de qne foi um incontestavel e inconfundivel ornamento.

Conversador de raça, publicista, orador, critico; dispersando, pulverisando, esbanjando o seu talento enorme em mil pequenas produções, tratando na conversa, no artigo, no livro, na conferencia e no discurso os mais diversos, dificeis e ingratos assuntos; semeador de verve, de graça, de alegria educativa e sã, faltou-lhe apenas a obra disciplinada e profunda que o seu espirito era capaz de conceber, mas que esta terra—somente—impediu e impossibilitou.

Não se julgue estranha a afirmação: é que ha em Aveiro um encanto misterioso, no ar, na luz, no ceu, no verde das agras, no riso das crianças, no donaire helenico das mulheres, na dolencia das aguas, no cheiro da marezia, na sedução da planura, nas cores dos poentes, que nos envolve, inebria, perturba, arrasta e inutilisa para as obras de rigoroso labor mental e só nos torna poetas, bohemios, romanticos e sonhadores!

Melo Freitas, aveirense até á medula, teria subido alto se quizesse, mas não poude reagir contra a magia desta sereia que é a nossa terra, caíu-lhe nos braços, deu-se todo a ela e apagou-se na humildade do nosso viver, fazendo uma obra e uma vida essencialmente aveirenses: gracil como as suas *Violetas*, vaporosa como o nosso ambiente, *transparente* como as suas *Ironias*, inconsistente como a neblina da nossa paisagem; mas toda Aveiro, repassada de beleza e de ideal, impregnada de democracia, olulante e cantante de liberdade como todo o espirito deste povo que ele encarnou e consagrou.

Mas foi, entre nós, distinto, brilhante, admiravel, e aveirense como ninguem, ou melhor, como nós o deviamos ser sempre em todos os lances, perante tudo e perante todos!

Faz uma falta imensa a Aveiro essa figura dos tempos idos, espirituosa, viva, gentil, sempre moça no garbo e nas ideias, no aprumo fisico e no aprumo moral, que fazia as honras da terra a todos os hospedes e levava a toda a parte a fama desta cidade que mercê do seu talento, do seu bairrismo, do seu trato, da sua ilustração e do seu *aplomb*, muitas vezes apareceu aos olhos dos estranhos maior do que era, e superior ao que valia.

Faz falta esse orador que, entre as *suas historias*, tinha rasgos tribunicios de subido quilate e verdadeira eloquencia, na ideia e na forma, na imagem e na linguagem; improvisador espantoso, exuberante de memoria, cheio de sentimento, rico de evocações e prodigo dos seus meritos, que nunca deixou passar um momento de tristeza ou de alegria do seu berço, uma hora de luto ou de festa do nosso povo, um instante de desgraça ou de triunfo da Patria ou da Humanidade sem que a harpa da sua voz soltasse ao vento os seus acordes, interpretando o nosso sentir e fazendo vibrar em unisono as cordas da nossa alma!

Quem ha aí que o possa substituir?

Qual de nós sentiria forças e teria dotes para preencher esse logar que ele criou na nossa terra e desempenhou com tanto talento, com tanta bondade e com tanto relevo?

Nenhum!

Melo Freitas, havia um só, e esse levou-o a morte deixando um crepe eterno a cobrir o seu logar, aberto e vago para sempre nesta terra que o pranteia!

Aqui estou eu que fui seu discipulo na paixão bairrista, mas que me senti sempre velho junto das suas brancas e sempre insignificante, mais que insignificante—nulo!—em face das suas faculdades!

E perante a sua morte sinto morrer alguma coisa na minha alma de aveirense!

Sinto chorar em mim a alma da nossa terra! Sinto luto no ar, nos rostos, nas almas, nas coisas—sinto frio no coração!

E' a alma dos aveirenses a chorar dentro de mim a perda de tão saudoso amigo!

* * *

Fogem para longe a hibernar na quentura de terras longinquas e misteriosas, ao chegar do inverno, as andorinhas.

Emudecem nas balsas, quando o verão incandesce e as rosas murcham, os rouxinois do maio florido e morno.

No caír desta invernia em que o ceu se desfaz em lagrimas sobre a poesia do passado e a terra se encharca do materialismo, egoista e grosseiro da epoca, calou-se a garganta do nosso rouxinol que durante 50 anos gorgeou nos muros da nossa terra, embalando, educando e encantando umas poucas de gerações.

Pois que descance no seio de Deus o seu espirito, mas emquanto viver um aveirense como eu, que o ouviu, o eco da sua voz ha-de ser intendido sempre, ao voltar da primavera, nos rouxinois que costumam vir cantar-nos, á encosta deste cemiterio, as saudades dos nossos maiores!

* * *

Em nome de Aveiro—homenagem, gratidão e saudade imperecivel ao seu dileto filho! A'quele discipulo fiel do imortal espirito de José Estevam que com mais emoção e maior paixão soube encarnar todo o anseio da alma simples, popular, democratica, liberal e afetiva da nossa querida terra!

Saudoso amigo, ilustre aveirense, querido conterraneo, patriota insigne, português de lei —oh! bom! oh! justo!—em nome de Aveiro—adeus!

Dr. Jaime de Magalhães Lima

Horas sinistras, austeras provações nos mortificam, severa crueldade nos despoja das melhores e mais veneradas riquezas do nosso patrimonio! Possa a coragem vencer a calamidade e converter em fé e esperanças as amarguras tragicas da adversidade!...

No curto espaço de breves dias—breves pelo tempo que contaram, longos, infinitamente longos, pelas dôres com que nos pungiram — no curto espaço de breves dias, aqui se juntam neste chão sagrado de silencio e paz tres dos homens que durante cinquenta anos foram alegria dos nossos olhos, conselho das nossas acções, exemplo de superiores virtudes, conforto do nosso animo e vigoroso esteio da nossa dignidade. No curto espaço de breves dias aqui vem a tornar-se em pó em quanto a nossa lembrança atribulada o pó lhes converte em sacramento, aqui adormecem para sempre João da Maia Romão, Antonio Emilio de Almeida Azevedo, Joaquim de Melo Freitas, tres homens bons que a amizade e o respeito mutuo uniu na vida e que a morte consagrou numa só saudade—João da Maia Romão, amigo querido de José Estevão, ultimo depositario do remanescente da mais nobre e fortificante das nossas tradições, que directamente a houvesse recebido das mãos de quem vinha, derradeira alampada acesa de uma época copiosamente iluminada de genios propicios; João da Maia Romão, espirito de abençoada scintilação que soube sorrir ás nossas fraquezas e senti-las sem as agravar, porque se as reconhecia e apontava, logo em veus de indulgencia as absolvia, por magia de sua alma transformando em formosura e bens e riso e graça a debilidade alheia e a fealdade, senhor desse segredo da bondade, que se comunica e ensina por doçura e não sabe querer mal nem desprezar; Antonio Emilio de Almeida Azevedo, paladino esforçado da dignidade da vida publica, servindo-a com uma robustez de tenacidade, estudo, lucidez e desinteresse que não conheceu desalento e foi brazão seu e nosso; Joaquim de Melo Freitas, alma de apostolo, veemente e infatigavel, sarcerdote da religião do amor da sua terra e da sua gente, para o qual na sua terra não houve grandeza dos homens ou das coisas que no seu peito não achasse reflexo e o arrebatasse e que a confissão ardente de louvor podesse calar ou minguar. Este poderá repetir com o Poeta que "a sua terra amou e a sua gente,, e desta unica gloria vai *contente*. Outra não quiz nem outra o cativou, e sem que outra apetecesse e procurasse, sem que

vaidades do mundo o prendessem e podessem desvia-lo da jornada que o coração lhe traçou, não maldisse da sorte porque tão pouco déra a quem tanto tinha o direito de exigir.

Dos primores literarios que Joaquim de Melo Freitas nos legou, os mais belos e rútilos, os mais abundantes de comoção e encanto são aqueles em que nos descerra a intimidade dos caracteres mais distintos da sua e nossa terra, ou esses caracteres fossem José Estevão e Mendes Leite, repassados de heroismo e sublimidade, ou esses caracteres encontrasse, no peão mais rude e no plebeu mais humilde que nessa soberba ingénita não nos deixára até aquele instante de revelação destinguir da massa anonima, e que a sensibilidade de poeta de lá desentranhou para os restituir á humanidade, pára os engrandecer e mostrar nas singularidades pelas quais esmaltaram as apagadas sombras do comum. Esse foi o mais belo dos milagres da sua arte, aliás tão opulenta de movimento e côr; esse poder lhe veio do acrisolado amor da sua terra que bebeu no leite materno e toda a vida lhe alentou as veias. Pela constância se lhe tornou como razão de ser legitima da existencia.

Quando Joaquim de Melo Freitas começou a frequentar a Universidade de Coimbra, logo ao fim do primeiro ano do seu curso ali lhe foram reconhecidas as suas notabilissimas qualidades de aplicação e estudo, seu desejo ardente de saber e cumprir. A' minha mocidade foi apontado como encarnação de uma promessa que por honra sua e nossa o tempo não negou.

Para o seu temperamento de apostolo, desde a escola e sempre o saber foi acto de consciencia; se muito o cultivou em termos de prazer, como um banquete divino, não menos o buscou em termos de dever, como obrigação de regrar e esclarecer a vida pela razão. O saber, para ele, foi muito mais do que um deleite; foi simultaneamente o missionario da rectidão e da justiça, guia imprescindivel da vida honesta. Estudava, de continuo interrogava os livros como os mais seguros dos companheiros, e aos livros pedia que o auxiliassem a descobrir o caminho que o havia de conduzir á presença da felicidade, não da felicidade propria que toda consistia em servir dedicadamente a sua terra e o seu tempo, mas da felicidade dos homens por cuja fortuna ansiosamente trabalhava e cujas desventuras amargamente lhe tocavam as profundezas da alma.

Moço, activo, espirito brilhante e acolhido com simpatia calorosa por quantos o conheciam, cercado de influencias generosas, entre as quais a estima geral que esta cidade votára a seu pai não seria o menor apoio para quem em ambições se enlevasse, aberta diante de si ampla e franca a carreira das dignidades e dos proventos, Joaquim de Melo Freitas teve a hombridade de passar sem desfalecimento por essas tentações naturais da juventude e, ávido de liberdade, que os cargos e o peso das riquezas excluem, preferiu-lhes a simplicidade, e o amor e a modestia de uma condição vulgar, vivida entre aqueles de quem nascera e passada sob a limpidez do céu e junto do rumor das aguas que lhe protegeram o berço e foram sustento constante e inexgotavel dos mais puros enternecimentos do seu peito. Não fôra ele que na idade que não sabe dissimular e não teme, e nem sequer sabe guardar do contacto sacrilego dos profanos os éstos de paixão que nos anseiam o peito, não fôra ele que candidamente disse que «a lembrança do exilio o deixava transido de terror?» Não fôra ele que cantando a formosura da sua terra, no trasbordar do carinho da alvorada ardente que lhe abria as portas da vida, não fôra ele que em suas preces pediu aos céus que «derivados os frágeis dias da sua curta vida, envolta no silencio e no descanso perpétuo, o trouxessem a dormir no seio da patria estremosa o ultimo sôno ao pé dos ossos frios e inanimados dos seus, e bafejado pelas saudades daqueles que deveras o estimavam?»

Consumados estão seus votos. Das suas bençãos sejamos nós testemunhas. Vae descer á sepultura com o peito liso de veneras, sem outras além daquelas que lá sejam gravadas pelo amargor das lagrimas dos que pranteiam a sua morte.

Aveiro bem sabia quanto Joaquim de Melo Freitas amava a sua terra, e em vida lhe deu por inalteravel e solicito afecto o que por afecto ele perdera em grandezas, cedo e espontaneamente abdicando de as conquistar, exactamente quando na pujança dos anos, fortalecido pelo brilho do seu espirito, riquissima arma de conquista do mundo, as grandezas lhes seriam faceis e mais o poderiam seduzir. Aveiro conheceu-o, e pagou-lhe pontualmente o que lhe devia, seguindo-lhe os passos e iluminando-os com o resplendor de simpatia que era a coroação condigna da sua fidelidade ao lindo torrão que o criára. Bemvindo entre os grandes pela gentileza que o adornava, e pela honestidade que o nobilitava, querido dos humildes em cuja alma comungava nos trabalhos, nas freimas e nas penas, como nas alegrias e na bôa fortuna, Joaquim de Melo Freitas podia ter tido adversarios naqueles mais fracos ou menos acautelados que a sua sêde de justiça houvesse flagelado, por presunção acertada ou ilusória de erros e culpas; tinha amigos naqueles que a sua estima acolheu, como merecedores de dedicação e respeito, porque lhes pressentiu ou sonhou bondade ou nobreza; mas, adversarios ou amigos, ninguem o ignorava, todos lhe reconheceram a autoridade intelectual e moral com a qual não podiamos deixar de contar, e ninguem o desterrou da sua consideração para aqueles reinos do olvido e da indiferença que são o castigo de toda a nulidade e de toda a esterilidade, o anatema de todo o homem que vivendo em sociedade não soube honrar nem servir a comunidade a que pertence.

Muitas vezes nos teria provocado a oposição, muitas mais nos teria exaltado o aplauso, não poucas suscitaria a gratidão; mas nunca, em conjuntura alguma em que nos encontrasse empenhados, e frequentemente embaraçados e agoniados, nunca a sua presença deixou de se sentir como qualquer coisa misteriosa que nos movia, emquanto ela só por liberalidade se movia. Quer o apoiassemos, quer o contrariassemos, quer ele nos favorecesse, quer ele nos combatesse, sempre entre Aveiro e Joaquim de Melo Freitas flutuava abundante certa essencia imperecivel em que afinal as dissensões como a harmonia se confundiam na amizade indestrutivel donde tinham vindo e onde se igualavam e refugiavam de toda a passageira hesitação.

Republicano, declaradamente republicano desde que entrou em idade de ter e manter convicções politicas decisivas, colocado pelos acasos do destino em uma situação na qual se amiudavam ensejos de pôr em prova a sua lealdade, nunca ninguem contrario ou estranho ao seu gremio politico lhe regateou a confiança que a certeza inabalavel dessa lealdade exigia, como nunca tambem ninguem que a essa lealdade se houvesse entregado teve que se arrepender por um só momento. Na generosidade do seu animo não houve principios irreconciliaveis. Sem duvida, uma intuição superior o advertia de continuo de que quanto devemos á logica e coerencia das nossas ideias e á ambição do seu triunfo é nada, uma poeira que sómente cega os miopes, comparada com o respeito que um homem deve a um homem, comparado com quanto o coração deve ao coração e invariavelmente sem constrangimento lhe tributa, se o coração é robusto. A sua lealdade deveria ser-lhe facil; corria de fontes puras que jámais se secavam na sua alma.

No seu misticismo, naquela suspeita de forças invisiveis que regem a vida e o nosso entendimento não alcança, muitas vezes ouvi dizer ao dr. Joaquim de Melo Freitas que ele chegava a persuadir-se de que os homens bons morriam de repente. Citava exemplos, numerosos exemplos de pessoas das nossas relações que haviam tido um passamento instantaneo, e raro se encontrava uma que fizesse excepção áquela suposta regra. Parecería que a fatalidade apiedando-se da bondade queria poupar-lhe agonias e abreviava o transe daqueles em quem a bondade habitára.

Se assim fosse, a morte instantanea do dr. Joaquim de Melo Freitas seria a vereficação final da sua bondade. E nem por muito pouco que a razão nos afoite a aceitar tão arrojadas conjecturas, nem por isso deixará de nos perturbar esta coincidencia caprichosa da realidade do sonho do poeta vindo a premiar a sua propria virtude.

Perante os restos mortaes de um homem de bem que vão perder-se na escuridão, interrogando a saudade para que ela me revele o segredo da sua sedução, aqui se me repetem as palavras memoraveis de Tucito lamentando a perda da Agricola-lição eterna, eterno pregão da nossa divida á memoria daqueles em cujo sangue a honestidade pulsou:

«Se ha um lugar destinado aos manes do homem virtuoso, se, como a sabedoria pensa, as grandes almas não se dissolvem com o corpo, descanse o justo em paz e, erguendo-nos acima de vãos pesares e lamentações pusilanimes, chame-nos á contemplação das suas virtudes que as nossas lagrimas e os nossos soluços profanariam. A nossa admiração, o nosso louvor imortal, a nossa semelhança, se a natureza o consente, melhor que as nossas lagrimas e os nossos soluços honrarão a memoria do justo. Seja essa a homenagem que a amizade nos impõe. Só a alma é eterna. Não ha arte que a guarde e grave nas coisas que a terra consome. Só em nossos costumes pode viver; em nossos costumes recebâmos esta de cuja morada terrena neste momento a fatalidade a apartou!

Acacio Rosa

Perante o tumulo que hoje se abre para receber, na eternidade do seu silencio, o corpo já inerte do dr. Joaquim de Melo Freitas, eu não sei coordenar uma corôa de flores que seja como que a sintese, ainda que palida, do meu sentimento. Sou forçado, porém, a tentar traduzir, por gratidão e justiça, em poucas palavras, os soluços que me trazem aqui num grande afecto e numa grande saudade.

A'parte as suas caturrices, em que, aliás, se manifestava o seu coração, e tambem, em rajadas de luz, a sua inteligencia e a sua cultura literaria, o dr. Joaquim de Melo Freitas foi um dos meus maiores amigos. No periodo revolto do meu jornalismo obscuro, nunca bati á sua porta sem que ele m'a abrisse com benevolencia e carinho. Nesta hora de amargura, sem ressentimentos por ninguem, eu recordo mesmo, uma scena de pugilato que ele teve, por minha causa, ha treze anos. Com meio seculo de idade, já sem aspirações, eu sinto-me, na ante-camara de um tumulo, a pedir perdão a um morto.

Eu estou de luto pela morte de minha mãe, da minha velhinha que eu vi morrer na minha casa de Verdemilho ha quinze dias.

Ante-ontem, pela manhã, quando aproveitei o tempo para começar a agradecer as manifestações de sentimento que me foram dirigidas, eu respondi ao dr. Joaquim de Melo Freitas com uma carta que foi escrita, ainda na ignorancia da sua morte, sem saber que a essa hora já era cadaver. Dizia-me ele:

Aveiro, 28—XI—1923.

Meu caro Acacio.

Eu e minha mulher damos-lhe sentidos pesames pela morte de sua prezada mãe. Tinhamos tenção,—os do Governo Civil—de irmos ontem a sua casa, mas saímos muito tarde. Parece que no sabado aí iremos.

Creia-me seu am.º obrig.mo.

Melo Freitas.

A esta carta respondi com outra carta nestes termos:

Verdemilho, 7—XII—1923

Meu ilustre amigo:

Se é certo que a carta de V. Ex.ª me provoca novas lagrimas, não é menos certo que a agradeço com todo o reconhecimento.

V. Ex.ª tornou-se credor de uma divida que eu não desejo pagar.

Do coração se subscreve, por isso, profundamente grato, de V. Ex.ª e de sua Ex.ma esposa, a quem eu peço apresente os meus cumprimentos, o que é

Am.º certo e admirador,

Acacio Rosa.

Esta carta foi escrita mas não houve correio que a podesse levar ao seu destino. Tive eu de a vir trazer á beira da tua campa, abencerragem penultimo de uma geração que foi grande na nossa terra. Sem lembrar as tuas manifestações de inteligencia e de caracter, porque não tenho tempo nem coragem para as descrever, ainda que numa sintese fugaz de coração, eu recordo o teu canto de cisne, numa homenagem a Guerra Junqueiro:

«Boabdil, rei de Granada, chegado ao monte Padul, donde se descobria ainda a gracil cidade, lançou sobre ela um ultimo olhar e um choro convulso o dominou.

«Coimbra! fulcro de deslumbramento, nas tuas colinas, povoadas de sonhos, soerguem-se entre vales pujantes dos pitorescos pincaros—os *penedos da meditação e da saudade*, que são dois simbolos do nosso pezar—ai de nós!—velhos, archaicos academicos, restos senis duma juventude que floriu e morre petala a petala».

...E mais uma petala morreu!...

Aves que cantaes neste cemiterio, que embalaes no vosso cantico os tumulos de José Estevam, de Mendes Leite, de Bernardo de Magalhães, do dr. Agostinho Pinheiro, de Edmundo de Magalhães Machado... e, recentemente, do filho querido do dr. Luiz de Magalhães e dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo; aves que sorris nas campas dos nossos homens mais ilustres, já desfeito o veneno da politica que os envolveu, aves do meu tempo, aves que sois sentinelas de amor neste campo de silencio eterno, ouvi-me e dizei ao espirito desse morto ilustre que houve um velho amigo da aldeia, onde ele algumas vezes foi buscar rosas ao seu jardim, dizei-lhe, repito, que esse amigo não o esqueceu numa hora amargurada de tristeza e de dôr.

Eu não quero alimentar a vaidade de pretender provar neste logar a alta capacidade intelectual do dr. Joaquim de Melo Freitas. Essa missão impõe-se, por certo, a outras pessoas que são mais competentes do que eu e que não esquecerão a homenagem que lhe é devida.

Deixarei, por todos os motivos, a logica das apreciações intelectuaes para os outros. Para mim, reservo apenas, uma fase do seu coração e, por isso, recorro ás aves deste cemiterio para que elas sejam mensageiras do meu sentimento perante o espirito do nosso amigo.

Eu vi, não sei em que livro ou jornal, que o espirito não se afasta, de repente, do corpo que abandonou. Creio, portanto, que o teu espirito deve vaguear por estas paragens, sentindo bem o amor daqueles que aqui vieram numa eloquente romagem de saudades, ainda que todos nós—porque não o havemos de confessar sobre esta campa?!—tenhamos a pesar-nos sobre o coração, como se fosse um grande bloco de pedra, aquele conceito de Tomaz Antonio Gonzaga:—«As glorias que veem tarde já veem frias».

Estamos aqui, e, porque te não vejo, espirito de uma amizade que não esqueço, peço ás aves, que são talvez mais puras do que eu, ás aves que aqui se refrescam no orvalho das campas e que cantam o soluço dos que vegetam a saudade do seu luto, peço a essas aves, que terão, talvez, trinado os seus cantares á sombra daquela arvore, sentinela do tumulo de José Estevão, e desta caluna de pedra, talisman de amor e de liberdade, onde hoje se confunde a alma do dr. Joaquim de Melo Freitas, arvore e colunas que são particulas da nossa historia e do nosso amor, aves de que eu talvez para sempre me despeça, cantem, cantem a vida ultima de um dos grandes e esquecidos amigos de Aveiro.

Direção de "O Debate,,

Desde que o sr. dr. Manuel das Neves declarou não lhe ser possivel continuar a dirigir este jornal trataram logo as comissões politicas de procurar substituto e, como estava naturalmente indicado, pediram ao presidente da C. M. P., sr. José Casimiro da Silva, para assumir essa direcção.

Sua Ex.ª por uma modestia excessiva e ainda porque ao seu temperamento e educação repugnam certas atitudes que jornais politicos, como este, são por vezes forçados a tomar, escusou-se.

Como solução provisoria assentou-se em que os membros da C. M. P. assumissem, colectivamente, a direcção de *O Debate*.

Adotou-se esta solução até que, concordando com os inconvenientes de ser tanta gente a dirigir o jornal e perante as ininterruptas solicitações dos seus colegas da Comissão e de outros correligionarios categorisados, sua ex.ª acedeu aos pedidos dos seus amigos.

E' grande o sacrificio que o nosso partido reconhece, congratulando-se como facto, pois que da nova Direcção só ha a esperar que este jornal continue a merecer o favor dos nossos correligionarios e o respeito dos nossos adversarios.

Oficina de encadernação
DE
MANUEL ALVES
Rua Miguel Bombarda
Encadernações simples e de luxo, pastas em seda e veludo e demais trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, por preços relativamente baratos.

Manuel de Vilhêna
ADVOGADO
Avenida Agostinho Pinheiro, n.º 1
—AVEIRO—

Vende-se FERRAMENTA de serralharia. Informa administrador deste jornal. (88)

Creado PRECISA-SE que tenha pratica de lavoura, que seja casado, com mulher que o acompanhe.
Falar com Jacinto Rebocho, de Aveiro. (99)

Grande Hotel e Restaurant
na Costa Nova
= DE =
João Francisco Bichão "o Fradoca,,
=
Alem da modicidade de preços, encontram os hospedes e todos os que visitam esta aprasivel praia, um completo aceio e um otimo tratamento neste restaurant, pelo que a sua fama vai chegando a toda a parte. (52)
Refeições a qualquer hora.

Padaria Macêdo
(Aos Arcos)
Pão fino, especialidade em café e chá, arroz e massas.

CESAR FONTES
MEDICO
Clinica Geral, Sifilis, vias urinarias, operações.
Consultas na Avenida da Estação n.º 8 da 1 ás 4. Chamadas em casa, Travessa do Alfena, n.º 8. (21)

VALE DA MÓ

Estancia termal de aguas ferruginosas

Recomendada pela clinica como uma das mais importantes termas, para doenças da anemia e do estomago. De elevada altitude, os seus ares são magnificos.

HOTEL MON ANHA

O seu proprietario, que o ano passado abriu o seu hotel pela primeira vez, atendendo á já sua numerosa clientela, acaba de o transformar completamente, com o aceio que a moderna hotelagem exige. Quartos de banho. Pessoal completamente habilitado a bem servir os hospedes do *Hotel Montanha*. Mesa de 1.ª ordem. Quartos arejados e bem mobilados.

A correspondencia deve ser dirigida ao seu proprietario e gerente

(44) Joaquim Teles

Vale da Mó—ANADIA

Nova Fabrica de Louça e Azulejos

DE

João Bernardo Moreira

AVEIRO — ARADAS

Além do costumado sortido da industria, executa-se qualquer trabalho que o freguez desejar concernente á arte.

Enviam-se tabelas de preços a quem as desejar.

E' esta a primeira fabrica de faianças que se monta em Aradas pelo proprietario da mesma. (28)

VAGO

Tabacaria e papelaria

— DE — (4)

José Augusto Couceiro

Avenida Bento de Moura, 1-A—AVEIRO

Tabacos nacionais e estrangeiros, boquilhas, cig rreiras, tabaqueiras, etc.

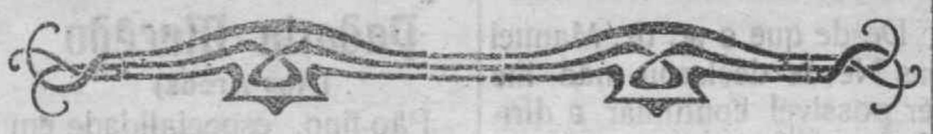
Tintas, livros, papel e outros objectos para escritorio.

Tintas para pintar a óleo e aguarelas.

Postais ilustrados. Perfumarias. Camisaria e gravataria. Cervejas e aguas.

Trabalhos tipograficos em todos os géneros.

Canetas *Ganklin* e *Ideal*.



Ricardo da Cruz Bento

Praça do Peixe—AVEIRO (8)

Estabelecimento de mercearia, azeite, vinhos finos e carboreto

Papelaria e objectos de escritorio

Cotões americanos e outras miudezas

Vendas por junto e a retalho

Pregaria Mecanica

A Empreza Industrial de Pregaria e Moagem, L.da, de Avelãs de Caminho, Anadia, leva ao conhecimento do publico em geral que resolveu dar o maior desenvolvimento possivel a esta Secção, pelo que executa com a maxima perfeição todas as obras de carpintaria, dispondo para isso de pessoal habilitado e de maquinismos modernos.

Quem pretender os seus serviços, confrontem os preços, porque os nossos rivalisam com qualquer outra fabrica congénere.

Ha sempre em deposito, soalhos e forros aparelhados que vendemos a preços modicos.

Perfeição, economia e prontidão. Peçam tabelas. (3)

Sociedade Produtora

= DE = (5)

Chicoria Limitada

AVEIRO

Previnem-se os nossos clientes de que a partir do dia 1 de Novembro á temos em deposito chicoria estufada, aos mehor es preços do mercado e bem assim á aceitamos encomendas de semente de chicoria, procedente de Magdeburg.

Pedidos a

Costa, Gonçalves & Bola

AVEIRO

Retrozeiro Hespanhol

José Gonzales

RUA JOSÉ ESTEVAM

AVEIRO

Completo e variado sortido em artigos de retrozeiro.

Lãs em todas as cores, algodões, retrozes, botões, fitas de seda etc.

Rendas de todas as qualidades em bordados, mantilhas de seda, lã e algodão.

Meias para senhora em todas as qualidades.

Peugas para homem e creança. Pentes e sabonetes. Espartilhos, bambinelas, cortinados, tanto nacionais como estrangeiros.

(10)

OURIVESARIA VILAR

Ruas José Estevam e Mendes Leite (1)

AVEIRO

Compra e vende: ouro prata e relogios. Pratas artisticas. Relogios dos melhores autores. Objectos para brindes de todos os preços

OFICINA PROPRIA

Sapataria Migueis

RUA COIMBRA — AVEIRO

(6)

Armazem de sola, cabedais e calçado.

Fabrico Manual — Preços sem rival

Tinturaria Aveirense

(11)

Tingem-se em qualquer côr todos os artigos delã, seda e algodão. Côres fixas. Lutos em 24 horas.

Todas as informações e encomendas devem ser dirigidas á Chapelaria Carvalho, na rua Coimbra, antiga rua da Costeira.—AVEIRO.

COLEGIO PORTUGUEZ

(12)

NESTE colegio, situado num dos pontos mais centrais da cidade, obedecendo a todos os preconceitos da higiene escolar e pedagogica, com explendidas instalações electricas, professam-se os cursos: de instrução primaria, todas as disciplinas do curso geral e complementar dos liceus (letras e sciencias), com inglez ou alemão; cursos singulares para todas as disciplinas, incluindo a lingua alemã; arte aplicada, bordados, rendas, pintura, desenho, flores e piano.

Corpo docente devidamente diplomado e habilitado.

Recebe alunas para frequentar o Liceu e Escola Primaria Superior.

ALFAITARIA DOS ARCOS (13)

José Pinheiro Palpista

— Rua dos Mercadores —

AVEIRO

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos concernentes á arte.

Garante-se a perfeição e o bom acabamento.